



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

RESISTÊNCIA FEMININA: UMA BREVE ANÁLISE ACERCA DA ATUAL CONJUNTURA DO
UNIVERSO QUE PAIRA AS MULHERES

Sandy Falcão de Oliveira (a) - a

a

RESISTÊNCIA FEMININA: uma breve análise acerca da atual conjuntura do universo que paira as mulheres

Palavras chave: feminismo; desigualdade; luta; resistência; violência de gênero.
Keywords: feminism; inequality; fight; resistance; gender violence.

I – INTRODUÇÃO

A atual conjuntura tem trazido fortes debates acerca das questões que rodeiam as mulheres, dos direitos, dos deveres, do que acham sobre elas, do que imputam a elas, das políticas para elas e a forma que devem se relacionar com os seus corpos. Todas essas questões são discutidas diariamente não só por elas, e nesse momento cabe a preocupação, pois, a formulação de direitos das mulheres e consecutivamente a regressões de direitos já estabelecidos acabam por estar nas mãos de homens engravatados dentro do congresso nacional. Questões essas como a criação e ampliação de políticas públicas direcionadas para o público feminino em geral, adentrando as especificidades que englobam mulheres lésbicas, transexuais, transgêneros e negras, tais que necessitam atenção especial, visto que são as que mais sofrem dentro de um ciclo contínuo de desigualdades, violências e morte.

O aumento do conservadorismo, machismo e misoginia ameaça afastar a mulher de todas as possibilidades que garantam seu protagonismo e, tendo em vista essa perspectiva, é de suma importância um debate acerca de todas as particularidades que encontremos ao que tange a onda conservadora, a ameaça de direitos conquistados pelas mulheres e a negligência para a criação de políticas que as favoreçam.

II- DESENVOLVIMENTO

É em um contexto de desigualdade de gênero, onde as relações sociais se estabelecem por uma hierarquia sexual, que a violência de gênero é praticada.

É necessário ressaltar que a luta pelos direitos das mulheres não tem início recente, o protagonismo das mulheres em busca de direitos igualitários e a permanência desses mesmos direitos, numa luta incansável pelo não retrocesso, acompanha toda história da humanidade, permeando desde as pequenas negações referentes a submissão ao masculino até lutas mais acentuadas como das sufragistas no século XIX. No Brasil, a primeira onda do movimento feminista surge nas primeiras décadas do século XX. Era um movimento representado em duas principais correntes: o feminismo liberal e o feminismo de

classes. O feminismo liberal foi um movimento voltado à cidadania plena, que buscava diminuir a desigualdade entre homens e mulheres na esfera política, profissional e intelectual, era composto por mulheres que pertenciam à elite social da época. Reivindicavam principalmente o reconhecimento da mulher no campo político, e lutavam pelo sufrágio. O feminismo de classe, ou socialista, tinha como eixo a exploração da força de trabalho das mulheres, lutava contra a diferença de gênero, principalmente no campo de trabalho, reivindicava por salários melhores e iguais.

O poder da independência, conquistado pela mulher, tem significado a ela uma dupla jornada de trabalho, além de trabalhar em torno de oito horas por dia no âmbito privado, a sociedade patriarcal destina a essa mulher a realização do trabalho doméstico, trabalho este não remunerado e desvalorizado por esta sociedade, trazendo um desgaste físico e mental, impactando em sua saúde. Rousseau¹, ao falar sobre o início da família, caracteriza o trabalho doméstico como algo em que a mulher se acostumou a fazer. Na atual conjuntura, o movimento feminista tem criado cada vez mais o discernimento de que toda cultura é socialmente construída, por isso, não devemos e não podemos considerar natural todo local inferiorizado que as mulheres recebem como incumbência.

Os direitos conquistados pelas mulheres durante todo processo histórico advém de lutas árduas e muitas das vezes sacrificantes, os governos conservadores por sua vez, anseiam por conservar e reatualizar padrões moralmente construídos nos primórdios, onde não se encaixam o protagonismo feminino em papéis que eram primordialmente masculinos, portanto, qualquer ato que seja diferente do pré elaborado é condenado como a destruição dos costumes, sendo assim, existe forte mobilização no que tange a atos reacionários e revolucionários que vá a direção contrária do conservadorismo.

O universo feminino é interceptado a todo instante, mulheres andam nas ruas com medo de serem estupradas, e quando isso acontece, as culpam pelas vestes, pelo horário, pela condição sexual ou social. Estima-se que 60 mil mulheres foram agredidas sexualmente no ano de 2018², estimativa essa que não chega a 10% da realidade, pois, agressões como estas ainda são subnotificadas e não chegam as autoridades policiais por inúmeros motivos, sejam eles por constrangimento, pelos tramites que ocorrem durante a abertura do inquérito policial, pelas autoridades desacreditarem do fato, pela imputação da responsabilidade da vítima sobre o ato ou mesmo não poder, visto que o agressor vive em sua residência. Segundo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 70% das vítimas de estupro são crianças e adolescentes, o que retrata na realidade que mulheres são vítimas desde sua infância. Além desse triste retrato discutido, ao analisarmos o Atlas da Violência³, fazendo um recorte

¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques, 1973

² Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

³ Atlas da Violência 2018 (Ipea/FBSP, 2018)

para as mulheres, temos números alarmantes, os dados mostram que 4,7 milhões de mulheres sofreram violência física no ano de 2016; 1,7 milhões de mulheres foram ameaçadas com faca ou arma de fogo; 59% da população brasileira afirma já ter visto uma mulher sendo agredida de alguma forma, além disso, esses números crescem quando são feitos recortes raciais, onde 24,7% das pessoas agredidas são mulheres brancas e 28,4 são mulheres negras. Mulheres apanham em casa, são assediadas no trabalho, são estupradas na rua, xingadas e penalizadas quando são empoderadas, elas são proibidas de não quererem ser mães. O Estado proíbe o aborto, onde impede que mulheres decidam sobre seus próprios corpos; postergam políticas públicas que visam a prevenção, controle, combate e punição para violências contra mulheres; dificulta a promoção de igualdade de gênero e diversidade sexual nos debates escolares, locais que se fazem de grande importância quando se trata de encorajar o respeito no interior dos mais jovens; o ataque constante as mulheres transexuais e lésbicas inseridas no grupo LGBTQI+, sendo importante ressaltar a tentativa inoportuna do Estatuto da Família que consta na PL 6583/2013, restringindo o termo “família” a apenas casais cisgênero e héteros. Todas essas realidades são fatos que fortificam e consolidam a cultura do machismo, da misoginia, do conservadorismo que inferioriza as mulheres, deixando-as as margens dos acontecimentos mais hediondos possíveis, que violam desde seus corpos quando crianças até sua própria vida quando adultas.

III - CONCLUSÃO

Cabe, enfim, destacar que a desigualdade de gênero precisa ser intensamente discutida com o propósito de contribuir para uma mudança estrutural visando uma real igualdade de gênero. É necessário o ganho de visibilidade de toda forma de inferiorização, violência e desigualdade contra a mulher, para que, dessa forma seja possível uma redução dessa complexidade a partir de novas estruturas, planejamentos e prevenções por parte das políticas públicas destinada as mulheres, percebendo assim todas as especificidades necessárias para a diminuição dessa desigualdade histórica que paira o universo feminino.

Mudanças estruturais só surgem a partir do pioneirismo e de transgressores de hegemonias estabelecidas. Mulheres eram criadas para ser mães e donas de casas, hoje são criadas para serem o que quiserem e da forma como quiserem. Dessa forma seguimos adiante porque o céu é o limite, por isso: resistência.

IV - REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARAÚJO, M. F. de. **Diferença e Igualdade nas Relações de Gênero:** Revisitando o Debate. *Psic. Clin*, Rio de Janeiro, vol.17, n.2, p. 41-52, 2005.

Atlas da Violência. **Políticas Públicas e Retratos dos Municípios Brasileiros.** 2018.

BIROLI, F. **Autonomia, opressão e identidades:** a resignificação da experiência na teoria política feminista. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impresso) , v. 21, p. 81105, 2013.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Visível e Invisível:** a vitimização de mulheres no Brasil. 2º edição. 2019

ROUSSEAU, Jean-Jacques.**Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** In: *Os pensadores*.Tradução de Lourdes Santos Machado. Volume XXIV. São Paulo: Abril Cultural, 1973.